

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

MARCADORES DE TEMPO DO POVO PAÍTER

Time markers of the Paiter people

Marcadores de tiempo del pueblo Paiter

Miguel Suruí
Mestrando do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: miguel.surui@unemat.br

Adailton Alves da Silva
Professor Doutor do PPGECEII - Programa de Pós
Graduação *Stricto* Mestrado Profissional em
Ensino e Contexto Indígena Intercultural -
UNEMAT.
E-mail: adailtonalves5@uol.com.br

Como citar este artigo:
SURUÍ, Miguel & SILVA, Adailton Alves da.
Marcadores de tempo do povo Paiter In **Revista
de Comunicação Científica** – RCC, Set./Dez., n.
09, pgs. 81-92, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 9 (2021)
ISSN 2525-670X

MARCADORES DE TEMPO DO POVO PAÍTER

Time markers of the Paiter people

Marcadores de tiempo del pueblo Paiter

Resumo

Os nossos estudos sobre marcadores de tempo indígena do povo Paiter tendem a concebê-los como uma manifestação do conhecimento tradicional que povos têm sobre o tempo, sobre fenômenos naturais bem como as relações que se estabelecem entre tais fenômenos, o ambiente e a vida social. Refletir sobre o tempo na perspectiva etnomatemática intenta fortalecer o lugar das ideias, colocando em relevância elementos constitutivos da atividade humana – contar, mensurar, classificar, ordenar, dentre outros.

Palavras chave: Marcadores de Tempo, Meio ambiente, tempo social, etnomatemática.

Abstract

My studies on the Paiter's indigenous time markers tend to conceive of them as a manifestation of the knowledge people have about time, natural phenomena and the relationships they establish between these phenomena, the environment and social life. Reflecting on time from an ethnomathematical perspective intends to strengthen the place of ideas where constitutive elements of human activity – counting, measuring, classifying, ordering, among others.

Key words: Time markers, Environment, social time, ethnomathematics.

Resumo na língua Paíter

Ah omãh sodigeh sadanã Paíter emãsoeh mãm anã e. Kãna gahrba saméh mãm matér Paíter kabi tahr áh yede saméh anã e. Eéwe nekoy yakadenã iwe saméh ekar gúya xiter enã sóe saméh iwayehy ka enan e. Kád emih bo Paíter a aweitxáh gahrba kapoh yede mim e. Kãna palóh mãm matér gúya gahrba katáb saméh ikin a enã e. Ayab e tíg ekar ojanã nã e. Garáh mãm meremãhme, sobagey, ayab epíh máwe sadéh amentérih ãni éwe. Eébo éwe sadenã guya ter enã palóh mãm kobáh yede saméh nã awe mãm ga toykabi enã e.

Palavras chave: Máwe amitóhr, Paíter eweitxáyede, Paíter akobáh yede.

Introdução

O tema escolhido para este trabalho é de suma importância para o povo Paíter, pois os marcadores tradicionais de tempo se constitui como técnica que o povo, em tempos passados, tinha para facilitar o acompanhamento do tempo, assim, promovendo as festas importantes tradicionalmente para a cultura deste povo segundo informações dos mais antigos. Portanto, de lá pra cá, aos poucos este conhecimento estão ficando de lado pela própria comunidade, que tem buscado o conhecimento científico inserindo nas aldeias, pelas escolas.

As observações feitas durante as pesquisas e convívio com a comunidade indígena Paíter, ajudaram a responder às indagações centrais do projeto de pesquisa de graduação em ciências da matemática e da natureza feito no Unemat Campus de Barra do Bugres.

O objetivo da pesquisa foi mostrar como os marcadores de tempo que foram utilizadas pelo povo Paíter no passado. Assim foram coletados conhecimentos dos anciões para fazer este registro, para incentivar os jovens e alunos a estudarem e conhecer e com incentivo praticar o conhecimento tradicional. Outro objetivo e que através desta pesquisa pode haver um caminho de revitalizar várias práticas culturais que estão sendo deixado de lado pela comunidade.

As entrevistas foram divididas entre os três anciãos para abranger o maior número possível de informações, e coleta de material. Consistiu principalmente no diálogo com os anciões José Itabira Suruí, Nema Suruí e Robiab Suruí que carregam o acervo cultural dos Paíter Suruí e mantêm viva sua cultura. Foram entrevistadas também algumas pessoas com idades intermediárias, como forma de adaptação e sobrevivência entre dois mundos de marcadores, um remoto e ancestral e outro contemporâneo fruto da realidade em que atravessam, porém estes dois mundos se distanciam cada vez mais.

As entrevistas foram na maioria, gravadas para garantir o teor completo das conversas e seus conteúdos transcritos à mão. Os anciões entrevistados foram fotografados para manter o acervo, sendo que se usou uma gravadora de voz, para registrar quase todas as falas sobre as etapas de tempo.

Foram também registrados os momentos em que saímos da aldeia para observar as características da floresta que indicavam mudanças no tempo. Assim, foi

registrado o que ele falava sobre as características das plantas, assobios de alguns pássaros, rios e os comportamentos de animais.

Histórico do contato do povo Paíter/Suruí

O povo Paíter mantêm na lembrança, transmitida de pai para filho através da oralidade, um tempo em que teriam migrado de Cuiabá para Rondônia, no século XIX, fugindo da perseguição dos não índios. Na fuga, entraram em choque com outros grupos indígenas e não indígenas. Mas no fim do século XIX até a década de 20 do século XX, com a exploração da borracha, a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré e a instalação das linhas telegráficas por Rondon, o fluxo migratório para Rondônia foi grande e seus efeitos se fizeram sentir sobre a população indígena na região, acarretando muitas lutas e mortes.

No período de 1940 a 1950, um novo ciclo econômico da borracha e a mineração de cassiterita promoveram o crescimento de 50% na população do então território Guaporé (criado em 1943 e que veio a se chamar "Território de Rondônia" em 1956 em homenagem a Cândido Rondon). Nos anos 50, os Paíter tiveram que abandonar as suas aldeias, e isso é lembrado em cantos e relatos, como o do herói Waiói, que já convivera com não índios no início do século XX e que, sem ser acreditado, contava ao seu povo, a vida daquela gente que comia arroz e feijão e tinha panelas, facões, machados e armas de fogo.

Os Paíter foram oficialmente contactados pela FUNAI em 1969, por meio dos sertanistas Francisco Meirelles e seu filho Apoena Meirelles, no então acampamento da FUNAI denominado Sete de Setembro, quando nesse ano visitaram o acampamento, fundado um ano antes, no dia sete de setembro de 1968, esse ficou sendo também o nome da principal da terra dos Paíter. Os Paíter só passaram a morar de forma permanente no posto em 1973, quando vieram buscar assistência médica em razão de uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 pessoas. Cerca de um terço da população continuou a morar fora da área indígena, perto da vila de Espigão do Oeste, mudando em 1977 para outro posto da FUNAI criado então, a linha 14.

A conturbada história das demarcações e "desmarcações", que deram origem à boa parte das terras indígenas de Rondônia, se aplica também a Terra Indígena Sete de Setembro criada para os Paíter. A demarcação dessa Terra Indígena se deu em 1976, e a posse permanente foi declarada pela portaria nº 1.561 de 29 de setembro de 1983, pelo então presidente da FUNAI Octavio Ferreira Lima, momento em que recebeu o nome oficial de "Área Indígena Sete de Setembro". Sua homologação saiu no mesmo ano através do decreto nº 88.867 de 17 de outubro de 1983, pelo presidente João Figueiredo.

A partir dos anos 1980, alguns jovens Paíter que dominavam a língua portuguesa em razão da necessidade de diálogo com os brancos, levaram suas reivindicações até a FUNAI. Nessa época cresceu entre os Suruí a consciência de como se constitui a sociedade brasileira e a necessidade de lutar pela defesa de seu território e de sua vitalidade cultural. Foram feitas viagens a Brasília para acompanhar passos da administração da FUNAI e fazer reivindicações. Nesse contexto, algumas tradições renasceram e os mutirões e festas persistiram, porém se adaptando aos novos padrões agrícolas, como o cultivo de arroz e uma maior dispersão da população. 1.2 –Localização geográfica do povo Paíter.

Figura 03: Localização da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+terr+sete+de+setembro>

A Terra Indígena Sete de Setembro, onde vivem os Paíter, está localizada em uma área fronteiriça, ao norte do Município de Cacoal (Estado de Rondônia) até o Município de Rondolândia (Estado do Mato Grosso). Chega-se à área a partir de Cacoal, através das linhas de acesso 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 14 (são linhas do projeto de colonização que chegam até a terra, no final dessas linhas foram criadas as aldeias para impedir a invasão da terra, pelo incentivo da FUNAI.) pelo fato das aldeias estarem distribuídas ao longo dos seus limites, tanto por questões de segurança quanto de aproveitamento de antigas sedes de fazendas desocupadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 1970 e 1980.

A cultura do povo *Paíter* é riquíssima e apresenta uma grande diversidade de rituais, tais como: o *Mapimaí* (criação do mundo), o *Ngamangaré* (formação da roça nova), o *Weyxomaré* (pintura), o *Hoeyateim* (festa em que o xamã controla os espíritos da aldeia), o *Lawaãwewa* (construção de casa nova) e o *Ytxaga* (pesca com timbó). Alguns rituais de passagem são praticados, como o da *Menina Moça*, que marca a passagem da infância para a adolescência na primeira menstruação da jovem.

É importante destacar que as festas e danças tradicionais sofreram muitas alterações, e muitas vêm, aos poucos, sendo abandonadas devido aos conflitos ideológicos com as novas religiões introduzidas nas comunidades indígenas. A festa ritualística *Mapimaí*, por exemplo, foi realizada no ano de 2002 depois de 12 anos sem ser realizada e segundo os *Paíter* Suruí, a festa foi retomada em memória à morte de alguns deles.

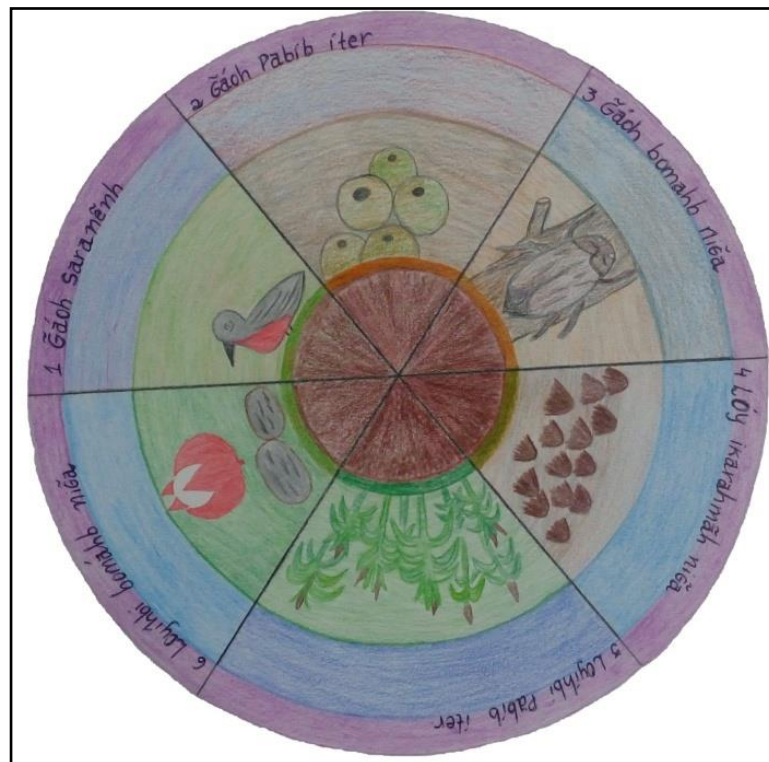
Os Paíter possuem grande domínio da agricultura e as roças familiares são cultivadas por grupos de irmãos, nas quais se plantam uma variedade de produtos como o milho, mandioca, batatas, inhames, feijão, arroz, banana, amendoim, mamão e algodão. O sistema de plantio é o da agricultura de coivara, cada roça sendo abandonada depois de dois anos de uso. Portanto, este intervalo e o tempo que se leva para o consumo das cultivares plantada. Pois são abandonados para formarem outra roça nova, onde as plantações se desenvolvem muito melhor. Estes lugares são frequentados novamente aproximadamente dez anos depois.

O Tempo para o povo Paíter

Na concepção do povo Paíter, o tempo são os momentos especiais em que são praticados as suas atividades culturais tradicionais dentro desses intervalos, por sua vez esses períodos de tempo são determinados por seus marcadores. Na visão dos Paíter, em cada período de tempo existem diferenças de suas características. Pode haver a diferença em relação ao sol, lua, estrela e até os momentos de chuvas, que são muito importantes para os Paíter e para a própria natureza. Acompanhar o tempo é muito importante para a organização da vida social e política interna da comunidade.

Para os Paíter, a organização do tempo já veio com a criação mundo. Conforme o “Palob” Deus ia criando as coisas existentes, já organizou como poderia ser o ciclo do tempo para os Paíter. Do mesmo modo criou os seus indicadores, por meio do qual é comunicado o início e o fim de cada ciclo. Os marcadores de tempo são elementos da própria natureza como; os animais, pássaros e características das folhas, flores e frutos das árvores que indicam todas essas organização do tempo.

Figura 02: as principais fases do tempo para o povo Paíter.



Fonte: organizado pelo autor, 2015

Na cultura do povo Paíter, o tempo é organizado em seis fases cíclicas, dentro das quais existem os marcadores específicos para cada uma delas. Para os Paíter o

início, meio e o fim de cada fase tem os seus indicadores, o que facilitam o acompanhamento, e para que as comunidades se preparem para os momentos especiais quando houver.

Para o povo Paíter, o tempo cíclico inicia com a formação das roças novas que é conhecida como gáoh **saráneh**. Sob a responsabilidade do líder do momento, a escolha do local é escolhida, que variam conforme as condições da terra. Para os Paíter, existem vários tipos de terra, portanto o que eles consideram uma terra boa é a de cor avermelhada. Depois de todo este processo de escolha, a comunidade é convidada pelo líder e seus irmãos para a roçada, também dos grupos são escolhidos no mínimo quatro pessoas para fazerem as divisas da roça enquanto os demais trabalham, iniciando pelo centro dela. Este trabalho acontece como parte da vivência e alegria do povo, pelas quais razões são feitas as bebidas para eles tomarem durante o trabalho.

Marcadores de Gáoh Saráneh

A época da fase *gáoh saráneh* do ciclo temporal é o início do ano para os Paíter, que são indicados pelos seus marcadores. Nesta época, o tempo começa a secar, dando as primeiras características. O marcador principal desta fase é os assobios de um pássaro que é conhecido pelos Paíter como **ğaoh úhb**. Um pássaro preto de peito vermelho, que com seus assobios comunica que esta fase já chegou. Existe outro pássaro conhecido como **kára petxuhg txuhg** que também assobia quando esta fase se inicia. Portanto, os Paíter nunca identificaram como é esta ave. Depois destes dois pássaros assobiarem, segundo os Paíter, é que os demais também começam assobiar fazendo estes cantos até a fase completa.

A segunda fase cíclica do tempo é conhecida pelos Paíter como **Gáoh Pabíb ítehr**. É uma fase que de muita importância como as demais fases. Portanto, a diferença está no tempo de muita fartura, coletas da produção das roças. Devido a estas coletas todos estão envolvidos de fazer *xixa* (uma bebida fermentada de cará, milho e mandioca). Nesta época do tempo costuma-se estar muito seca, a temperatura da luz do sol bem elevadas que fazem evaporações do nível dos rios. Quando os

Marcadores de tempo do povo Paíter

níveis dos rios vão baixando, facilitam de fazer a pesca tradicional que é por meio de timbó (cipó específico).

Esta fase é o momento que todos estão ocupados com o trabalho da pesca e caça, ficando uma ou duas semanas fora da comunidade. Só voltam quando conseguirem fazer a caça e pesca suficiente para a família e para todos componentes da aldeia. Quando chegam ao local da aldeia, encontra-se com outros grupos que estão à espera com a *xixa* (uma bebida fermentada de inhame, cará ou milho). Depois de toda esta festa, para completar a fase, tem o costume de fazer a queimada das roças. Antes da queimada e feita uma pintura em volta da boca com a corante de urucum, feito isso é colocado a pena de arara no nariz entre os orifícios. Durante a queimada são feitas os gestos de assobios que pede a velocidade do vento aumentar para que a chama do fogo aumente e queime bem a derrubada.

Marcadores de Gáoh Pabíb ítehr

Como podemos perceber, esta fase do ciclo temporal é mais explorada pelo povo Paíter pelas suas características como: os níveis dos rios, friagem noturnos entre outros, etc. Portanto, o que mais marca esta fase para os Paíter é o tempo da safra da castanha verde (uma fruta amazônica). Então todos se envolvem na coleta da castanha verde na sua época, que acontece depois das queimadas das roças, então, assim que a castanha fica madura é que finaliza o tempo desta fase.

Essa fase cíclica de tempo indica que o tempo de seca está perto de finalizar. A vista do céu avermelhada e muita fumaça das queimadas é uma característica que é muito identificada como época da friagem noturna. Consequentemente, está friagem indica que a chuva está muito próxima de cair, por isso neste momento todos estão fazendo o trabalho da limpeza e encoivramento da roça nova. Nesse trabalho os homens estão envolvidos com os corte com machados, enquanto que as mulheres estão envolvidas fazendo o monte e queimando as coivaras. Depois, da limpeza das roças são divididos entre todos pelo chefe da comunidade, em quais locais poderão plantar nas primeiras chuvas.

Marcadores de Gáoh Bobmáhb

O que leva os Paíter a se dedicar nestes trabalhos desta fase, como marcador deste tempo é o canto das cigarras. Quando as cigarras começam cantar, para os Paíter eles estão chamando a chuva. A quarta fase é conhecida como ***lóyikaráhmāhniga***, umas das fases que é muita esperada pelos Paíter.

Nesta época acontecem às primeiras chuvas do ano e é nesses momentos que são feitas as plantações da roça. No primeiro momento são plantados os inhames, carás, mandiocas e batata doce, depois vem o milho e por último o amendoim. Depois das plantações, o povo Paíter começa a fazer a coleta do mel, pois é nessa época que estão em grande quantidade, tornando assim a principal atividade desta fase. Durante o decorrer da fase é de costume dos Paíter fazerem mutirão para fazerem as malocas (casas tradicionais) para que eles possam estar preparados para receber o tempo chuvoso, portanto todos estão atarefados de fazer ou ajudar uns aos outros. Esta fase do ciclo do tempo apresenta estas características que são de suma importância para os Paíter.

Existe outra fase de tempo que chamamos de ***loyíhbi Pabíb íhter***. Essa fase do tempo caracterizada pela sua pobreza na visão dos Paíter. Segundo eles, esta é a época que é mais frequente a falta de mantimentos de alimentos, pois é a época que ainda os alimentos estão em desenvolvimento. O tempo é muito chuvoso, o que dificulta a realizar os seus afazeres como trabalho artesanal, agricultura, caça e pesca. Existe também um nome específico para este ciclo de tempo que é conhecido como ***lág***, que quer dizer, o período de mais escassez de alimentação. Finalizando esta etapa do ciclo de tempo, tem como seu marcador a festa do milho verde. Sempre é promovido quando as espigas estão prontas para o consumo, assim consomem elas assadas, espigas crocantes, mingau, entre outras. Dessa forma o milho verde é um sinal de comunicação para toda a comunidade, por que significa que a partir daquele momento não haverá mais a escassez de alimentação.

Finalizando as etapas do ciclo temporal do povo Paíter, temos mais um ciclo que é conhecido como ***loíhbibomáhb***. Neste período o tempo começa adentrar ao período de seca, apesar de que ainda chove um pouco. O tempo que é marcado pelas estouras das sementes das seringueiras (***barkáhba***), e também quando a fruta do breu (árvores nativas da região ***“abér-ah”***) está madura e em fase de cair. Outros

marcadores deste ciclo são lagartos (*goxiehy*) que andam em conjunto, e dessa maneira comunica que as caças estão gordas. Existe também uma espécie de árvore que chamamos de *motigohr*, que produz fruta. Quando as frutas dessa árvore caem do pé é um indicativo de que é o sinal da próxima fase cíclica, o início da seca. Assim, cada etapa do ciclo de tempo para o povo Paíter é conhecido e indicado pelos marcadores da cultura ou da natureza e pelas suas características.

Enquanto os homens acompanham o tempo, de modo do seu conhecimento, as mulheres Paíter possuem seus entendimentos do espaço em que convivem, de maneira que também entendem que precisam acompanhar o tempo por seus afazeres ou até mesmo para o cuidado do próprio corpo.

O tempo para as crianças Paíter é de suma importância. Porque são os momentos que eles acompanham seus pais para ajudá-la e aprender dos seus afazeres. São momentos que eles iniciam praticar a cultura, assim participando juntamente com seu pai ou a sua mãe. E o tempo em que eles recebem a educação milenar do seu povo, assim pronto para sair e cumprir com a sociedade em que vive, demonstrando o que está apto a cumprir com seus deveres com a comunidade.

Considerações finais

Este texto sobre os marcadores de tempo do povo Paíter, é importante pois os levantamentos permitiram conhecimento sobre o tempo e o seus marcadores. Infelizmente, algumas pessoas da comunidade não valorizam esse tipo de conhecimento. Esperamos que este trabalho possa sensibilizá-los para identificar e começar a praticar as culturas que foram deixadas de lado. Para que isso ocorra no futuro, é preciso ter registros verdadeiros por meio de gravações e anotações, que tanto é ensinado pela pesquisa na universidade.

Ainda assim existem muitas coisas novas a descobrir, esta pesquisa levantou e registrou as informações exploradas, que esses registros poderiam ser transformados em cartilhas ou até mesmo em livros para que seja proveitoso nas escolas e nos espaços onde os jovens possam ter acesso, isso só foi possível com a

ajuda das comunidades principalmente dos anciões da comunidade, que são as raízes dos saberes tradicionais.

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Arte ou Técnica de Explicar e Conhecer**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL (ISA), 2012. Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Suruí-paiter/print>>. Data de acesso em: 10/02/2015.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL (ISA). Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Suruí-paiter/print>>. Data de acesso em: 15/03/2015.

MATO GROSSO. **Projeto de Cursos de Licenciatura para a Formação de Professores Indígenas**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2000.

MATO GROSSO. **Regimento Interno do Conselho de Educação Escolar Indígena**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 1995.

Recebido: 03/08/2021

Aprovado: 07/08/2021

Publicado: 01/09/2021